

DANÇA E EDUCAÇÃO FÍSICA EM PERIÓDICOS PUBLICADOS DE 1990 A 2010

CEPHORA GOMES SILVA

Centro Universitário Vila Velha, Vila Velha/ES, Brasil
cephoratorp@hotmail.com

DIOANALLISE TRINDADE DE PAULA

Centro Universitário Vila Velha, Vila Velha/ES, Brasil
diodio_18@hotmail.com

KALLINE PEREIRA AROEIRA

Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, Vitória/ES, Brasil
aroeiraka@hotmail.com

RENATA DUARTE SIMÕES

Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, Brasil
renasimoes@hotmail.com

Introdução

Este trabalho realiza um esforço no sentido de mapear os estudos sobre a inserção da dança na Educação Física, analisando como a produção acadêmica brasileira vem abordando essa temática. Objetivamos, com esta pesquisa, refletir sobre a dança como conteúdo da Educação Física, abordando o debate teórico histórico que marcou seu campo a partir da década de 1990, debate atual que extrapola os muros das universidades e se reflete no ensino da dança nas escolas.

A partir dessa preocupação inicial, compreendendo o desafio de mapear e discutir uma determinada produção acadêmica, empreendemos um levantamento de pesquisas em que constatamos a presença de três principais abordagens: as que tratam das danças populares e/ou eruditas, as que se referem à história da dança e as que abordam a teoria e educação na dança, interessando-nos, por ora, aquelas pesquisas que buscam refletir sobre a inclusão da dança no âmbito da Educação Física.

O recorte temporal deste estudo abarcou o período que se estende de 1990 a 2010, tendo como data inicial o ano de 1990 por compreender-se que na área da Educação Física, a partir desse período, intensificou-se a incorporação dos discursos pedagógicos, filosóficos e sociais, resultando em vários questionamentos, rompendo com o reducionismo e valorizando mais a investigação e a reflexão da cultura corporal (OLIVEIRA, 1994). Além disso, até o fim da década de 1980 não havia uma sistematização publicizada sobre o ensino da dança. A necessidade de se falar, refletir, escrever e estudar essa temática expandiu-se a partir da década de 1990, explicitando uma fragilidade da área (RIBEIRO, 2004). O ano de 2010 foi estabelecido como data final em função da época prevista para encerramento da catalogação do material selecionado para concretização da pesquisa.

O *corpus* documental de análise abrangeu artigos publicados em periódicos de expressividade da Educação Física, catalogados pelo grupo Proteroria do Centro de Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo. A partir do levantamento desse conjunto de textos, detivemo-nos na análise dos que tratam, com maior ou menor aprofundamento, da inserção da dança nas aulas de Educação Física. Foi encontrado o total de 206 artigos sobre dança, mas, após o recorte temporal e temático, 25 foram selecionados para análise. Os demais artigos, publicados a partir de 2000, foram selecionados a partir do banco de dados de periódicos da CAPES, disponível na internet.

Foram ainda utilizados trabalhos como teses, dissertações e livros para fundamentação dos aspectos abarcados neste estudo.

Resultados e discussão

O mapeamento constatou, como já havia sido apontado por Ávila et. al. (2005), que a dança vem sendo discutida por autores da Educação Física em função da crescente compreensão de seu conteúdo como cultura corporal ou cultura de movimento. Além disso, o interesse emergente se relaciona ao crescimento recente de produção do conhecimento em/sobre a dança desenvolvida no Brasil, principalmente no âmbito dos programas de graduação e pós-graduação das universidades.

O estudo de Ferraz (2000, p. 14-15) destaca que o crescimento nos debates entre esses dois campos - dança e educação física, cada qual defendendo seus próprios interesses, características e formações específicas - revela "uma tensão inegável entre os profissionais dessas duas áreas, ou seja, os intelectuais e professores de dança que consideram os profissionais da Educação Física incapacitados para trabalhar esse conteúdo, por o fazerem, geralmente, de maneira acrítica e superficial, enfatizando a sua abordagem tecnicista, e por outro lado, os profissionais da Educação Física que se consideram no total direito em desenvolver este conteúdo devido a sua formação acadêmica, por ter estudado anatomia, cinesiologia, atividades expressivas e lidar diretamente com o movimento".

Para estruturar um debate sobre o campo de atuação da Educação Física, Saraiva Kunz (2003), recorre aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) lançados em 1997. Nesse sentido, aponta que a Educação Física vem tentando incluir a dança em seus cursos de formação e no currículo escolar. Segundo a autora, os PCN's de Educação Física contemplam a dança como um conteúdo a ser trabalhado nas aulas, mostrando a sua importância na formação de indivíduos mais críticos e criativos para a sociedade.

O conhecimento dança está previsto, segundo o documento, nas áreas de formação de professores de educação física e artes, assim como possui uma formação própria, nos cursos de licenciatura e bacharelado em dança.

É possível relacionar Arte e Educação Física na escola através da dança, vivenciando o sensível e rompendo com os processos tradicionais de ensino, percebendo as linguagens artísticas e a cultura corporal como termos interligados (PORPINO, 2005; BARRETO, 2004; SARAIVA KUNZ, 1994). Para Cunha (1992), a dança merece destaque junto à Educação Física complementando as atividades de ginástica, lúdicas, esportivas e recreativas.

Apesar desse reconhecimento na área, os textos analisados são unânimes em ressaltar as dificuldades de se trabalhar nas escolas esse conteúdo, dificuldades intimamente relacionadas ao preconceito, à discriminação, à escassez de instrumentos, à falta de incentivo e ao despreparo dos professores. Todos os autores ressaltaram, com menos ou mais destaque, obstáculos na inserção desse conteúdo nas aulas de Educação Física, tanto na escola quanto no ensino superior.

Miranda (1994) aponta como problemática em seu texto os preconceitos dos professores de educação física para com a dança, bem como o fato desses professores não terem tido formação suficiente que os capacite para o ensino desse conteúdo. Segundo ela, o fato da dança não ser incluída nos planos de aula escolares deve-se, principalmente, a falta de capacitação profissional. A reduzida carga horária destinada ao estudo da dança nos cursos de formação em Educação Física não proporcionaria conhecimentos e segurança necessários para o seu ensino.

Para Barreto (2004), não só licenciados em Educação Física, mas também os licenciados em Artes não se sentem aptos a ensinar a dança nas escolas em função de não receberem subsídios para exercer tal conteúdo, pois o currículo desses cursos, argumenta, apresenta uma *lacuna* no que se refere às questões específicas a esse ensino.

Esse é sem dúvida um dos pontos mais críticos para Marques (1999), quando afirma que tanto o professor de Educação Física como o de Artes e os Pedagogos vêm trabalhando com a dança sem ter uma contextualização e preparo para isso. No mais, o ensino universitário

não estaria formando número suficiente de profissionais capaz de suprir as demandas do mercado.

Marques (1997), para além da formação dos professores, aponta a preferência pela prática esportiva e o receio de experienciar o “novo” como causadores da ausência da dança na escola. Para a autora, propostas com dança que trabalhem seus aspectos criativos, portanto imprevisíveis e indeterminados, ainda “assustam” aqueles que aprenderam e são regidos pela didática tradicional.

Para Rangel (2002) o fato da dança ser pouco utilizada na Educação Física pode estar relacionado a três diferentes motivos: a situação nos cursos de graduação em Educação Física (licenciatura), a visão que os graduandos têm a respeito da dança e, conseqüentemente, do enfoque que a mesma tem recebido, além da falta da licenciatura em cursos superiores de dança.

Além da deficiência na formação profissional, os “pré-conceitos” sociais em relação à prática de dança pelo sexo masculino são expressivamente abordados pelos textos para explicar o número reduzido de educadores que trabalham com dança nas escolas e para elucidar sua inaceitabilidade pelos alunos. As imagens prévias, repletas de estereótipos, adquiridas no convívio social e que os estudantes, assim como os professores, diretores e demais sujeitos escolares carregam para escola não passam despercebidas pela produção acadêmica.

Em nossa sociedade, a corporeidade e o movimento são extremamente impregnados por uma padronização que é orientada em normas de conduta e representações sociais. Nelas integram-se formas de movimentos que se relacionam às qualidades e/ou características respectivas ao sexo das pessoas que as desenvolvem, se homem ou mulher, acarretando que às diferentes posturas corporais e representações do corpo na dança e no desporto tendem à corresponder a disponibilidades corporais tradicionalmente atribuídas ao homem e à mulher (SARAIVA KUNZ, 1994). As sociedades têm meios específicos – inclusive a dança – de emitir as mensagens de identidade sexual e mostrar-nos meios de nos classificar como homem ou mulher (HANNA, 1999).

Leitão e Sousa (1995, p. 250) trazem como preocupação central o sexismo relacionado à dança. De acordo com as autoras, o preconceito que gira em torno do homem que dança tem raízes nos modos conservadores de agir e pensar. Elas reconhecem que existem diferenças biológicas, porém argumentam que essas diferenças não são motivo para haver segregação. Somando-se a isso, ressaltam o papel da escola como sustentadora da discriminação, propagando concepções, “como por exemplo, ‘a menina nasce para bailar, ser dócil, doméstica e o homem para jogar, trabalhar e endurecer’”.

O artigo aponta a transmissão de estereótipos através de gerações como um fator condicionante de comportamentos diferentes, e até opostos, entre meninos e meninas. Esses padrões são incorporados inicialmente à vida familiar, reforçados pela sociedade e pela escola, inclusive nas aulas de educação física. Contudo, o artigo assinala a própria educação física como um meio de tentarmos transformar esses modelos estabelecidos e elege a dança como um dos caminhos possíveis.

Duarte (1995) e Ribeiro (2004) ao tratar da questão do sexismo, apontam para mudanças no comportamento masculino. Ribeiro (2004) observa que essa mudança de comportamento pode ocorrer a partir da formação dos professores e indica que é frequente, nas faculdades, alunos ingressarem no curso de Educação Física movidos pela afinidade com o esporte e se surpreenderem com o ensino e a aprendizagem da dança.

Outra questão apontada pelos textos como motivadora da ausência da dança no contexto escolar, diz respeito ao fato de que na educação e na sociedade de forma geral a dança tem uma tradição de marginalidade, do ponto de vista dos interesses científicos e políticos que possa despertar, por serem considerados seus conteúdos supérfluos (PACHECO, 1998).

Enquanto no caminho da arte a dança ganha espaço, aprofundando-se no campo investigativo, ampliando suas fronteiras, abraçando em sua prática a diversidade dos seres humanos com toda a sua existência, em outras instâncias sociais, referindo-se especialmente à escola, a dança ainda é negligenciada. Subestimada, fica, muitas vezes, limitada à reproduções descontextualizadas de danças representativas, em festas juninas ou de fim de ano, ou à reproduções das danças apresentadas pela mídia, sem que haja uma discussão conscientizada sobre as práticas (FIOMONCINI; SARAIVA, 1999).

Brasileiro (2005) chega à conclusão similar a alcançada pelo estudo de Fiomoncini e Saraiva (1999) e expõe que na maioria das vezes a dança não é, no âmbito escolar, tratada por ter um conhecimento próprio e uma linguagem expressiva específica, sendo vista como atividade extracurricular. Esse é, sem dúvida, um limite explícito na área da Educação Física, que tem sido tratada como um fazer destituído de saber.

Apesar do caráter “marginal” conferido a dança, no contexto sócio-cultural, de forma geral, ela é uma das manifestações de movimento mais apreciada entre crianças, jovens e adultos e se dissemina em tantas e variadas formas (ballet, jazz, folclore, popular, de salão, terapia, religiosa, etc.) que lhe é quase impossível, em uma ou noutra forma, fugir à identificação cultural e à apreciação (ABRÃO et.al., 2005).

Nesse sentido, os textos demonstram esforços dos pesquisadores em apresentar as potencialidades do ensino da dança no âmbito escolar. Apesar dos preconceitos e da predominância da utilização dos esportes nas aulas de Educação Física, a importância da realização de trabalhos com dança nas escolas é reconhecida pela produção acadêmica. Nesse sentido, cabe questionar: Que encaminhamentos os autores tem proposto para superação da problemática do ensino da dança na escola?

Como proposta, Vargas (2003) assinala que as mudanças devem ocorrer desde a formação dos professores de Educação Física, argumentando que as Universidades como formadoras, devem incluir em seus currículos, estudos teórico-práticos, didático-pedagógicos da dança para suprir as necessidades desses profissionais interessados em com ela trabalhar. Nesse sentido, a questão remete para a necessidade de uma discussão mais aprofundada acerca do trato com o conhecimento “dança” nos cursos de formação de professores de Educação Física.

Para Ferreira (2003), uma proposta de dança escolar deve estar fundamentada no sentido de se buscar uma forma de dança que se liberte das imagens estereotipadas e do academicismo mostrando que ela não se restringe apenas ao aprendizado de técnicas e estilos.

Cunha (1988) indica em seu trabalho que a dança seja ensinada em todas as escolas de primeiro e segundo graus, sendo que o professor deve conhecer os gostos e as necessidades dos alunos, fazendo uma observação e planejamento de suas aulas com uma seleção e adaptação dos conteúdos.

Fiamoncini e Saraiva (1999) e Ávila (2005), defendem a improvisação como metodologia e conteúdo da dança na escola, pois acreditam que através dela, todos, com suas possibilidades e diferenças, podem dançar, sem exigir do movimento a formalidade da técnica. O fazer/experienciar a dança, sem ficar atado à uma imagem determinada, pode possibilitar às pessoas uma maior sensibilidade, tanto na descoberta de outras danças, quanto na possibilidade de ampliação da expressão.

A improvisação e outros estímulos para dançar podem vir a proporcionar um amadurecimento do sujeito no caminho para a autonomia nas suas relações no/com o mundo. Dessa forma, a educação através da dança possibilita a formação de cidadãos com uma visão mais crítica autônoma e participativa da sociedade (SHUSTERMAN, 1998).

Outro ponto a ser pensado é que seja qual for a dança e independentemente da série a ser trabalhada, torna-se necessária, para sua prática, uma discussão durante as aulas de Educação Física, entre professor e aluno sobre sua contextualização, suas classificações, seu momento histórico, suas transformações, enfim, é imprescindível imprimir à dança estudada um

sentido, um significado. Torna-se indispensável o incentivo do professor para que seus alunos descubram movimentos espontâneos e recriem o que já é conhecido por eles (GALLARDO, 2002; FERREIRA, 2003).

Esta visão só vem a oferecer uma opção a mais ao profissional de Educação Física, auxiliando-o na construção de um currículo diversificado ao alcance de seus objetivos. Isto só vem mostrar quão rica de oportunidades é a área da Educação Física.

Considerações finais

Ao longo da pesquisa foi possível observar que apesar dos avanços alcançados no que se refere à inserção da dança nas aulas de Educação Física, esse conteúdo ainda é marginalizado e os autores apontam alguns motivos para essa marginalização, entre eles: a formação debilitada ofertada pelos cursos de Educação Física e Artes, o preconceito de gênero, a predominância da utilização dos esportes e o fato da dança ser considerada como um fazer destituído de saber.

Fitamos, como pontos de congruência entre os encaminhamentos propostos pelos textos: 1) investimentos nos cursos de formação de professores de Educação Física e Artes; 2) fomento de práticas pedagógicas mais comprometidas nas escolas que possibilitem o desenvolvimento de um sujeito com uma visão mais crítica, autônoma e participativa; 3) utilização da dança nas aulas de Educação Física como incentivo a superação de paradigmas e estereótipos construídos sócio-culturalmente.

Diante disso, concluímos que a produção teórica brasileira, em certo consenso, vem apresentando propostas de resolução para problemas que considera impeditivos da inserção plena da dança na escola. A mesma produção aponta que esses esforços devem ultrapassar os limites teóricos e adentrar as escolas e universidades, possibilitando novas práticas nesses espaços e o desenvolvimento de sujeitos emancipados, com uma visão mais crítica, autônoma e participativa da sociedade em que vivem.

Referências

1. ABRÃO, L.; SARAIVA, M. C.; FIAMONCINI, L.; KRISCHKE, A. A. In: SILVA, A. M.; DAMIANI, I. (Orgs.). **Práticas Corporais**. Florianópolis: Nauembru Ciência & Arte, 2005. v. 3. p. 2005. p. 81-106.
2. ÁVILA, A. B.; OLIVEIRA, P. D. L.; PEREIRA, L. G. Hip hop e cultura: revelando algumas ambigüidades. In: SILVA, A. M.; DAMIANI, I. (Orgs.). **Práticas Corporais**. Florianópolis: Nauembru Ciência & Arte, 2005. v. 3. p. 47-67.
3. BARRETO, D. **Dança...: ensino, sentidos e possibilidades na escola**. Campinas/SP: Editora Autores Associados, 2004.
4. BRASILEIRO, L. T. O conteúdo "Dança" em aulas de Educação Física: temos o que ensinar? **Revista Pensar a Prática**, n. 6, p. 45-58, Jul./Jun. 2002-2003.
5. CUNHA, M. **Aprenda dançando, dance aprendendo**. 2. ed. Porto Alegre: Luzatto, 1992.
6. FERRAZ, A. C. A. M. **A arte de dançar nas aulas de Educação Física: para além de suas fronteiras em busca da construção da cidadania**. 2000. 57f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.
7. FERREIRA, A. Dança criativa: uma nova perspectiva do ensino e da criação. In: CALAZANS, J.; CASTILHO, J.; GOMES, S. (Coord.). **Dança e educação em movimento**. São Paulo: Cortez, 2003. p. 265-271.
8. FIAMONCINI, L.; SARAIVA, M. C. Dança na escola: a criação e a co-educação em pauta. In: KUNZ, E. (Org.). **Didática da educação física**. Ijuí: UNIJUÍ, 1999.
9. GALLARDO, J. S. P. **Discussões preliminares sobre os objetivos de formação humana e de capacitação para a Educação Física escolar, do berçário até a quarta série do**

- Ensino Fundamental.** 2002. (Tese de Livre Docência) Faculdade de Educação Física, Unicamp, Campinas, SP.
10. HANNA, J. L. **Dança, sexo e gênero:** signos de identidade, dominação, desafio e desejo. Tradução de Mauro Gama. Rio de Janeiro, 1999.
 11. KUNZ, E. **Educação Física.** Ensino & mudanças. Ijuí/RS: UNIJUÍ, 2001.
 12. LEITÃO, F. C. V; SOUZA, I. S. O homem que dança... **Motrivivência**, Florianópolis, ano VII, n. 8, p. 250-259, dez. 1995.
 13. MARQUES, I. A. Dançando na Escola. **MOTRIZ.** v. 3, n.1, p. 20-27. Jun/1997.
 14. MIRANDA, M. L. J. A dança como conteúdo específico nos cursos de educação física e como área de estudo no ensino superior. **Revista Paulista de Educação Física**, vol. 8, n. 2, p. 3-13, jul./ dez. 1994.
 15. OLIVEIRA, V. M. **Consenso e conflito da Educação Física brasileira.** Campinas: Papirus, 1994.
 16. PACHECO, Ana Júlia Pinto. **Educação Física e Dança:** uma análise bibliográfica. In: Pensar a Prática, Goiânia: Ed UFG, v. 2, n. 1, jun/jun, 1998.
 17. PORPINO, K. O. **Interfaces entre Dança e Educação Física:** reflexões sobre o corpo e a dança no cenário educativo. Anais do II Encontro Nacional de Ensino de Arte e Educação Física. Natal, 2005.
 18. RANGEL, N. B. C. **Dança, educação, educação física:** proposta de ensino da dança e o universo da educação física. Jundaaí: Fontoura. 2002.
 19. SARAIVA KUNZ, M. C. **Dança e Gênero na Escola:** formas de ser e viver mediadas pela Educação Estética. 2003. 451f. Tese de Doutorado. Lisboa: FMH, Universidade Técnica de Lisboa.
 20. SHUSTERMAN, R. **Vivendo a Arte:** o pensamento pragmatista e a estética popular. São Paulo: Ed. 34, 1998.
 21. VARGAS, L. A. A dança na escola. **Revista Cinergis**, Santa Cruz do Sul, v. 4, n. 1, p. 9-13, jan./jun., 2003.

RENATA DUARTE SIMÕES
Rua dos Comerciantes, n. 155
Ibes, Vila Velha/ES
CEP: 29108-490
e-mail: renasimoes@hotmail.com